

IMPLANTAÇÃO DE EQUIPAMENTOS EM ÁREAS PROTEGIDAS – ESTUDO DAS AMBIÊNCIAS DE LAZER E DE TURISMO

Noêmia de Oliveira Figueiredo

Um dos principais instrumentos para a preservação do patrimônio natural tem sido a criação de Unidades de Conservação. Estas são divididas em categorias que classificam as áreas a serem preservadas de acordo com a fragilidade ou com a importância de seu ecossistema ou, até mesmo, com os objetivos a serem alcançados. Algumas dessas categorias permitem a visitação, cumprindo o objetivo de lazer e de educação ambiental, estabelecido na Lei Federal nº 9.985/2000 (BRASIL, 2000) e fazendo com que os visitantes e os turistas sejam mais uma ferramenta para a preservação.

As Unidades de Conservação abertas à visitação exigem ambiências específicas para desenvolver as atividades de lazer e de turismo. Essas ambiências são constituídas dos elementos naturais do lugar e dos implantados pelo homem. Os elementos naturais são a atração do lugar, enquanto que os implantados pelo homem têm a função principal de atender às necessidades dos visitantes e da gestão, sem agredir e prejudicar o patrimônio natural e cultural existente em uma área protegida.

O objetivo desta pesquisa foi analisar esses equipamentos em três Unidades de Conservação para diagnosticar se eles estão cumprindo com suas funções. Os equipamentos agregam inúmeras funções que precisam ser compatibilizadas. Por isso, um estudo direcionado a eles é útil para a sustentabilidade das atrações nas áreas de preservação do patrimônio natural e cultural.

Reconhecemos que a função de todos os equipamentos que são implantados dentro de uma Unidade de Conservação é, principalmente, a de preservação da área, mas para que este objetivo seja alcançado é necessário que esses equipamentos também possuam funções indiretas, que são apontadas como (BRASIL. Ministério da Indústria, do Comércio e do Turismo, 1994, p. 7):

- apoiar e orientar os visitantes e os turistas;
- limitar e reduzir os impactos gerados pelas atividades desenvolvidas;
- criar uma imagem da marca do empreendimento;
- permitir ao visitante e ao turista usufruir e, ao mesmo tempo, aprender e compreender o significado dos atrativos ecológicos à sua disposição;

- atender às necessidades do visitante e da gestão.

Para diagnosticar os equipamentos que compõem as Unidades de Conservação tivemos que entender os conceitos relacionados com o lazer, turismo e ambiência, para depois categorizá-los e subcategorizá-los.

Neste trabalho escolhemos três subcategorias de equipamentos e três Unidades de Conservação no Estado do Rio de Janeiro, para demonstrarmos que, se os equipamentos forem implantados corretamente, podem ser um instrumento eficaz para a sustentabilidade econômica e ecológica dessas áreas. As três subcategorias de equipamentos escolhidas foram as trilhas, as sinalizações e os assentos devido a estarem relacionadas com as funções do lazer. Segundo Dumazedier (1994, p. 49-50), lazer é:

“Uma condição para se usar o tempo de viver. É a aspiração ao direito de “viver por viver”, em interdependência com as normas legítimas do “dever-ser” que a produção das coisas e a sociedade dos homens impõem. Lazer é um modo de expressão mais completo de si, pelo corpo, sentidos, sentimentos, imaginação, espírito: é o tempo no qual explodimos”.

Naturalmente, o lazer produz determinados resultados como descanso, divertimento, relacionamentos sociais, desenvolvimento da personalidade, entre outros, que são classificados como as “funções do lazer” e que podem ser divididas em (DUMAZEDIER apud MARTINS, 2003, p. 53-55): No grupo das Funções Psicossociais temos as funções de descanso, de diversão, e de desenvolvimento, e no grupo das Funções Sociais temos as funções de socialização, simbólica, e terapêutica.

Para sabermos como os equipamentos interferem nas ambiências de lazer e de turismo das Unidades de Conservação foi necessário fazer um zoneamento da ambiência intermediária (ambiência aberta à visitação) e identificar as micro-ambiências (ambiências pontuais onde acontecem atividades de lazer) de cada estudo de caso. Após isso, foi preciso relacionar as funções do lazer com as micro-ambiências definidas, ou seja, saber as atividades de lazer que são ou irão ser feitas, sem deixar de ter conhecimento das atividades que os usuários fazem ou gostariam de fazer. Somente assim as subcategorias de equipamentos foram analisadas e determinadas de acordo com o objetivo e as necessidades estipuladas para a micro-ambiência, proporcionando a qualidade da visita e contribuindo para um lazer sustentável.

O lazer acontece em determinadas ambiências que requerem elementos específicos para surpreender o visitante e o turista, pois as pessoas procuram em seu tempo livre sair do cotidiano

e romper com as barreiras sociais. Entretanto, elas também procuram um mínimo de segurança e conforto, por isso a ambiência de lazer e turismo exige elementos antagônicos que se integrem entre si. De um lado são os elementos que façam o usuário esquecer de casa, e de outro que o façam se sentir em casa. Além disso, eles também precisam estar contextualizados com a ambiência onde estão, ou seja, estar inseridos no lugar, na paisagem, na cultura local, possuir valores simbólicos e significativos para as pessoas que moram no local.

Para isso, é necessário compreender a ambiência onde o equipamento será implantado. O autor Lynch (1985) afirma que para se compreender a totalidade de qualquer lugar, é preciso considerá-lo como um todo, formado por diversas partes: ambiental, sócio-cultural, econômica, entre outras. As formas dos lugares compreendem a sua disposição espacial, ou seja, o uso dos lugares, o fluxo de pessoas, os bens, as informações, e as características físicas que modificam o espaço de algum modo expressivo a respeito dessas ações como são os fechamentos, as superfícies, os canais, os ambientes e os objetos, e inclui também as trocas que se dão nessas distribuições espaciais, assim como a percepção e o controle delas. Segundo o referido autor, para entendermos a forma dos lugares temos que apontar a disposição espacial que há em cada ambiência.

A metodologia aplicada nesta pesquisa teve início com um levantamento de projetos, plantas, mapas e referências bibliográficas sobre o Pq. Nacional da Serra dos Órgãos, especificamente sobre ambiência da Sede de Teresópolis, sobre o Pq. Estadual da Pedra Branca, especificamente sobre a ambiência Pau da Fome e sobre a Reserva Particular do Patrimônio Natural – Fazenda Bom Retiro. Foram realizados trabalhos de campo com levantamento fotográfico, observações no local, croquis e pesquisa com o gestor e com 5% do valor médio de visitantes por mês de cada Unidade de Conservação. A partir disso, foram feitas descrições para uma compreensão da ambiência de acordo com os conceitos de Lynch (1985), aplicação do conceito de lazer de Dumazedier (1994) e análise dos questionários feitos com os visitantes para diagnosticar se os equipamentos são eficazes na proteção do patrimônio natural, se estão apoiando e orientando os visitantes, e se estão dando sustentabilidade econômica e ecológica para a área protegida.

Os estudos das quatro subcategorias de equipamentos nas três Unidades de Conservação apontaram que a implantação e a escolha da tipologia dos equipamentos possuem itens comuns a serem observados, mas que cada micro-ambiência exige estudos específicos para a implantação dos equipamentos corretamente.

Utilizamos as diretrizes principais, que foram aplicadas nos estudos de caso, para elaborar alguns itens que devem ser observados na implantação de cada uma das três subcategorias de equipamento, fazendo com que tragam sustentabilidade, sirvam de referência para as ambiências de lazer e turismo de outras Unidades de Conservação, e completem as referências bibliográficas. As trilhas são uma ambiência de lazer e turismo que interferem na experiência do visitante positiva ou negativamente. Por isso, a manutenção delas é essencial para preservar o patrimônio natural e não causar no visitante uma impressão de má conservação e até mesmo abandono do local.

Se os equipamentos de sinalização não são instalados ou estão instalados inadequadamente, os visitantes deixam de visitar uma ambiência. A sinalização precisa estar de acordo com o objetivo da ambiência e transmitir informações que potencialize a experiência do visitante. Ainda, deve estar localizada estrategicamente e integrada com as características naturais da Unidade de Conservação, para que não cause poluição visual.

Os assentos são equipamentos que definem a permanência da pessoa na ambiência e a função de lazer de descanso e divertimento, principalmente, para os mais idosos. Se for um equipamento integrado ao entorno e bem posicionado valoriza a experiência do visitante. Os assentos com encosto e braços devem ser implantados em locais onde o visitante quer permanecer por mais tempo e fazer um lazer com a função de divertimento. Os assentos sem encosto e braços devem ser instalados em locais para descansos rápidos, como por exemplo, ao longo de uma trilha ou via.

Diante da pesquisa realizada foi concluído que falta ênfase dos planos de manejo e das políticas de criação de Unidades de Conservação quanto à implantação de equipamentos em áreas protegidas. A sustentabilidade da preservação do patrimônio natural e cultural existentes dentro e no entorno das áreas protegidas necessitam, entre outras coisas, de estudos voltados para a implantação de equipamentos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Indústria, do Comércio e do Turismo; EMBRATUR; UNIÃO EUROPÉIA. *Manual de ecoturismo: assistência técnica ao setor do turismo*. Brasília, 1994.

_____. *Lei nº 9.985, de 18 de julho de 2000*. Regulamenta o art. 225, § 1o, incisos I, II, III e VII da Constituição Federal, institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza e dá outras providências. Disponível em: http://www.incr.gov.br/_down/manual6c.pdf. Acesso em: 24 jun. 2004.

DUMAZEDIER, Jofre. *A revolução cultural do tempo livre*. Tradução de Luiz Octávio de Lima Camargo. São Paulo: Studio Nobel, 1994.

LYNCH, Kevin. *La buena forma de la ciudad*. Tradução de Eduard Mira. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1985.

MARTINS, A.M.M. *O espaço e o ser: poesia e ciência*. In: SEMINÁRIO DA OFICINA TERAPÊUTICA DE JARDINS, 2., 2003, Rio de Janeiro: *Anais*. Rio de Janeiro: UFRJ/Instituto de Psiquiatria, 2003.